



A cromática dos Orixás: uma análise da nomenclatura e atribuição das cores aos Orixás do Candomblé Ketu

The Chromatic of the Orixás: An analysis of the nomenclature and attribution of colors to the Orixás of Candomblé Ketu

Raphael Felipe da Silva de Jesus¹

Resumo: Este artigo analisa as cores como um dos elementos visuais simbólicos atribuídos aos Orixás do Candomblé Ketu. Nos perguntamos: como se deu a nomeação das cores na cultura Iorubá e se isso influenciou na atribuição e no uso do cromático no Candomblé Ketu? Afirmamos que a forma pela qual as cores são nomeadas no idioma Iorubá influenciou nas atribuições cromáticas dos Orixás. Inicialmente mostramos a nomeação das cores em Iorubá com significados e organizamos a atribuição das cores aos Orixás no Brasil conforme autores como Reginaldo Prandi, Rita Amaral e Raul Lody que pesquisaram a religião, sem jamais impor ou delimitar um padrão correto que não existe. Percebemos que as cores em Iorubá mostram algo sobre a visão de mundo dos Iorubás em relação à natureza e que isso se reflete no culto Candomblecista, guardadas as devidas complexidades históricas, culturais e geográficas.

Palavras-Chave: Candomblé. Cores. Orixás. Iorubá.

Abstract: This article analyzes colors as one of the symbolic visual elements attributed to the Orixás of Candomblé Ketu. We wonder how colors were named in Yoruba culture and whether this influenced the attribution and use of colors in Candomblé Ketu? We affirm that the way in which colors are named in the Yoruba language influenced the chromatic attributions of the Orixás. Initially, we show the naming of colors in Yoruba with meanings and organize the attribution of colors to the Orixás in Brazil according to authors who researched the religion, without ever imposing or delimiting a correct standard that does not exist. We realized that the colors in Yoruba show something about the Yoruba worldview in relation to nature and that this is reflected in the Candomblecist cult, keeping the necessary historical, and geographical complexities.

Key- Words: Candomblé, Colors, Orixás, Yoruba.

¹ Graduado em Geografia. Mestre e Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista Capes. E-mail: raphaelgeografo@gmail.com



Introdução

A cor (àwò, em iorubá) é um dos primeiros elementos visuais que observamos ao olharmos para qualquer objeto. Sua presença está em tudo e não pode ser simplesmente ignorada. Cores (àwòn àwò) são, fundamentalmente, um elemento visual comunicativo² capaz de transmitir uma enorme gama de significados nos mais diversos contextos.

As religiões não são alheias à realidade e nelas também encontramos a presença das cores. Entretanto, é variável a relevância dada para este elemento visual, conforme a tradição religiosa em que desejemos nos aprofundar. Em algumas é dada uma maior importância do que em outras, contudo, de alguma forma, a cor transmite alguma informação nas mais variadas tradições e mesmo em práticas esotéricas.

Uma destas tradições em que se destaca o uso da cor é o Candomblé Ketu³. Nesta tradição é costume que cada Orixá⁴, tenha uma série de características e elementos próprios prediletos (comidas, músicas, vestes, ferramentas...) que são entendidos também como seus símbolos, sendo a cor outra destas formas de individualizar e distinguir cada uma das divindades. Mas esse potencial comunicativo cromático dentro do Candomblé Ketu é exponenciado, pois nesta religião dá-se uma importância ímpar às cores, de modo que elas funcionariam não só para alguns elementos, mas como um código interno de entendimento mútuo que permite a comunicação e transmissão de informações religiosas.

Delimitado o tema e a tradição religiosa, pensamos que, ao buscar estabelecer relações entre as cores e o Candomblé, logo nos surgem as seguintes perguntas: A forma de nomear as cores na cultura Iorubá influencia na atribuição e no uso cromático do Candomblé Ketu? Comunicam sobre o Candomblé Ketu e como ocorre essa

²A amplitude do termo cor/cores nos faz delimitar que seu entendimento nesta pesquisa será sempre como elemento visual e não como, por exemplo, étnico-racial.

³Escolhemos delimitar o uso das cores em uma das vertentes candomblecista denominada de nação Ketu.

⁴“Orixá”, seguindo a linha de Pierre Verger (1999) é o nome dado para cada uma das divindades cultuadas no Candomblé de Nação Ketu. Os Orixás podem ser entendidos tanto como ancestrais divinizados por seus feitos quanto como expressões antropomórficas de fenômenos da natureza ou de atividades humanas. Em Iorubá se escreve *Òrìsà*. Tanto a palavra *Òrìsà*, quanto sua (aportuguesamento) Orixá (sistema de transliteração latino) significam a mesma coisa. Ambas as formas podem ser usadas tanto para referirmos à sociedade Iorubá quanto ao Candomblé Ketu.



comunicação? Partindo da pergunta, discutimos e defendemos neste artigo que a forma de nomeação das cores são um dos elementos que ajudam a entender como cada cor foi atribuída aos Orixás demonstrando o modo de pensar que estas culturas compartilham. Neste ponto pensamos se importante informar que este artigo é parte da dissertação de mestrado⁵ deste autor defendida no ano de 2021 onde foram acrescidas algumas informações atualizadas fruto da continuidade de pesquisas sobre as cores e religião.

A escolha por analisar as cores nas divindades mais comumente descritas na bibliografia do Candomblé (Exú, Ogum, Oxóssi, Ossaim, Omolu, Xangô, Logun-Edé, Oxumarê, Iansã, Obá, Oxum, Ewá, Ibeji, Nanã, Iemanjá e Oxalá), se dá pelo fato de que ao usarmos todo o panteão era possível fazer uma análise mais apurada de como a nomenclatura das cores pode funcionar como símbolo e código em cada um dos Orixás.

Para alcançarmos o objetivo deste artigo, faremos uma exposição de como várias cores são nomeadas dentro da cultura Iorubá, tentando explicações para os significados dos nomes de cada cor na cultura iorubana para que então possamos fazer uma organização da atribuição das cores aos Orixás no Brasil e buscar explicações sobre como isso se deu do modo como existe. Assim, nos focaremos na nomenclatura das cores na cultura Iorubá, especialmente naquelas que são mais comumente atribuídas a cada um dos Orixás no Candomblé Ketu⁶ e se há uma variedade cromática para cada Orixá ou ainda alguma variação substancial a respeito das atribuições cromáticas em relação às qualidades de cada Orixá e intentamos perceber se essa nomenclatura e associação das cores aos Orixás reflete em alguma instância o modo de pensar o mundo Iorubá e conseqüentemente o modo candomblecista de atuar.

1. Nomeando as cores em Iorubá

Para a construção desta questão, temos um entendimento rudimentar de que a linguagem (verbal) que utilizamos influencia no nosso modo de pensar o mundo. Mais especificamente, afirmamos que o modo como uma sociedade nomeia suas cores nos

⁵ Dissertação de mestrado defendida em 2021 no programa de pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas cujo título é “ÀWON ÀWÒ NÍ ÒRÌSÀ: As cores como código na linguagem do Candomblé Ketu”.

⁶Entendemos que o Candomblé é uma religião brasileira com elementos africanos, de forma que falar em Candomblé Brasileiro (independente da nação/doutrina) seria incorrer em pleonasma.



comunica algo (às vezes muito) sobre sua visão religiosa de mundo. Assim, quando estudamos cores temos que didaticamente separar percepção e linguagem. O número de cores visíveis (percepção) aos humanos está na casa dos milhões e:

as línguas naturais não contam com um número equivalente de lexemas para expressar cada uma dessas cores, é necessária outra maneira de codificá-las. Geralmente isto é feito por meio do emprego de nomes de cores na língua. Assim, o nome de uma cor é um rótulo lingüístico (sic), expresso por um lexema, que os falantes dão às cores. Esses nomes de cores são obviamente característicos de cada língua, a qual possui seu vocabulário básico de cores que são aquelas que têm lexemas simples para especificar as cores do espectro (Ribeiro; Cândido, 2008, p. 154).

Mesmo assim, a nomenclatura das cores que está na ordem da linguagem é muito inferior em quantidade ao número de cores possíveis e estes nomes estão claramente condicionados a cada uma das línguas que nomeiam as cores. Há línguas que possuem apenas dois nomes para cores (tipo claras e escuras) como o Dani, falado por tribos indonésias, enquanto o português possui mais de dez (em nossa dissertação, classificamos 13).

Entretanto, a ausência de vocabulário para nomear certo matiz/tom/saturação não implica numa deficiência inata de determinado povo para percepção do tal matiz/tom/saturação. Seguindo o caminho dos universalistas lingüísticos, como Eleanor R. Heider em seu trabalho sobre cores de 1972⁷, entendemos que a percepção das cores parece ser universal entre os seres humanos tricromatas⁸. Porém, em termos de linguagem, seguimos o caminho diametralmente oposto, o dos relativistas lingüísticos, que se definem pela crença de que:

o pensamento e o comportamento dos seres humanos são determinados por sua língua. A forma fraca deste princípio, atualmente mais pesquisada por se achar que seja mais plausível, diz que a língua meramente influencia o pensamento. Esse princípio pode ser apresentado da seguinte forma: 1 - as diferentes línguas categorizam o mundo de maneiras diferentes; 2 - o modo de pensar e o

⁷Comparou a discriminação de cores língua Dani (Indonésia) e o Inglês americano. Ela testou a percepção de cor dos dois grupos de falantes com nomenclaturas em quantidades bem díspares para as cores. Chegou à conclusão de que, apesar das diferenças de nomenclatura entre as línguas, não havia diferenças entre os dois grupos quanto à percepção de cores.

⁸ Existem seres humanos incapazes de enxergar em 3 cores. Os Daltônicos são os casos mais específicos em que um dos cones não atua de forma correta, o que impede a visão tricromata perfeita. Existem também os portadores de acromatopsia que veem o mundo em tons de preto, branco e cinza.



comportamento de etnias diferentes são influenciados por estas diferenças de caracterização (Ribeiro; Cândido, 2008, p.155).

A dita forma fraca (não determinista) do princípio nos é mais aceitável quando percebe que a língua influencia no modo de pensar, mas não o determina. Assim, ao separarmos percepção de linguagem se torna mais simples discuti-los separados sem que um contradiga o outro. Dessa forma, não há nada que nos permita dizer que a percepção de cores dos Iorubás é (era) diferente da dos portugueses. Portanto, a visão de mundo distinta não pode ser explicada, neste caso, pela percepção cromática. Não podemos dizer o mesmo da nomenclatura das cores.

Partindo do ponto de que a nomeação das cores influencia na visão de mundo dos indivíduos, entendemos ser de grande importância que conheçamos, pelo menos, um mínimo das línguas africanas (no nosso caso, o Iorubá) que lhe são base. Guimarães (2004) concorda conosco, ao apontar que a maneira como a sociedade nomeia suas cores também é capaz de dizer algo sobre como estes grupos interpretam as várias cores, pois “de fato, temos observado que a cor depende muito mais da linguagem natural (verbal) e dos instrumentos de armazenamento e transmissão do que muitos outros códigos” (GUIMARÃES, 2004, p. 100).

A nomeação das cores no idioma iorubá pode nos informar sobre aspectos, inclusive religiosos, da sociedade nagô (outro nome para os iorubás). E, em se tratando da língua iorubana, podemos dizer que ela é obviamente um dos reflexos da mentalidade e da cultura destes povos a qual é, por sua vez, intrinsecamente relacionada à natureza. Tanto que, em muitas concepções e interpretações, os Orixás são entendidos como partes ou elementos da natureza.

Isso pode ser visto nos nomes de alguns deles. Verger (2018, p.218) escreve “*Obalúayê*” como “Rei dono da Terra”, pois é seu nome é a soma dos verbetes *Obá* (rei) + *Olú* (senhor) + *Aiyé* (terra). Já *Iemanjá* é a forma abasileirada de *Yemoja* “cujo nome deriva de *Yèyé Omó Ejá* (‘Mãe cujos filhos são peixes’)” (Verger, 2018, p.196) em uma clara relação desta com as águas. No caso da Oxum candomblecista, o Orixá dos rios, seu nome deriva da *orisá osún* cujo nome se refere a um dos rios que corre pelas terras iorubás na Nigéria. Não nos arriscamos a dizer se o nome do rio é o nome da divindade ou o contrário, mas a simples nomenclatura já expõe essa relação com o meio natural.



Então não é acidental e nem nos surpreende que a nomenclatura das cores em língua Iorubá também siga este padrão⁹ de conexão ao meio natural. Assim buscamos levantar os nomes das cores no idioma Iorubá e encontramos nomes para 13 cores: branco, preto, vermelho, rosa, ouro, prata, marrom, verde, amarelo, azul, rosa, cinza e roxo¹⁰. De forma não planejada, estas são exatamente as 13 cores estabelecidas na pesquisa sobre psicologia das cores de Eva Heller (2018)¹¹ no qual esta autora compila e estabelece relações entre as cores e as emoções humanas que referenciamos anteriormente como base.

Estabelecer a nomenclatura em Iorubá é importante para que entendamos como as atribuições de cores a alguns Orixás estarão intrinsecamente ligadas às suas características e vinculações a elementos da natureza. Em determinados Orixás, o termo em iorubá que se refere à sua cor está em suas cantigas, saudações ou mesmo em seus nomes, como veremos quando nos focarmos nos Orixás.

A nomenclatura Iorubá para as cores nos ajuda a entender como essa sociedade pensa o mundo e como isso foi de alguma forma transferido para o Candomblé Ketu especialmente em algumas características das divindades. Mas também é interessante notar que além da influência da natureza, podemos perceber que em algumas cores houve alguma imposição/influência colonial do idioma inglês conforme veremos no quadro abaixo:

⁹De forma parecida com a cultura Iorubá, a nomenclatura das cores para alguns povos Bantus segue o mesmo princípio com a natureza. Em Língua Kimbundu, verificamos que o azul recebe o nome *Kolo Ya Dyulu* sendo o termo *Kolo* (cor), *Ya* (do) e *Dyulu* (algo equivalente a Céu), ou seja, “Cor do Céu”. Não foi possível encontrar as cores em dialetos Ewe-Fon para termos noção se isso se aplica aos Candomblés Jeje.

¹⁰Não encontramos referências escritas diretas às cores, porém encontramos vídeos nos quais são explicados os nomes das cores em Iorubá e confrontamos os nomes com os verbetes encontrados no Vocabulário Yorùbá-Português de Eduardo Napoleão (2011) e as informações nos pareceram bem coerentes. Os links para os vídeos na plataforma *Youtube* estão nas referências.

¹¹Eva Heller produziu sua pesquisa em uma população alemã completamente distinta do grupo que estudamos. Sua principal tese é a de as cores podem expressar ou influenciar emoções universais. Discordamos no sentido de que as cores podem ir muito além disso, e que podem (e são) interpretadas de formas diferentes a depender da cultura. Assim usaremos sua obra como base, sempre atentos para diferenciar os resultados que a autora obteve dos elementos que percebemos no Candomblé Ketu, os quais nem sempre irão concordar com os achados de Heller.

Quadro 1: Diferentes cores no idioma iorubá
TABELA: ÀWON ÀWÒ ITUMO NÍ ÈDÈ YORÙBÁ (OS NOMES DAS CORES EM IORUBÁ)

| CORES EM PORTUGUÊS | CORES EM IORUBÁ | SIGNIFICADO DO NOME DAS CORES | CORES EM INGLÊS | CORES INFLUENCIADAS PELO INGLÊS |
|--------------------|---|--|-----------------|---------------------------------|
| BRAUNCO | <i>FUN</i> <i>FUN ou EFUN</i> | NOME DE COR PRIMÁRIA | WHITE | |
| PRETO | <i>DÚDÚ</i> | NOME DE COR PRIMÁRIA | LACK | |
| VERMELHO | <i>PUPA</i> | NOME DE COR PRIMÁRIA | RED | |
| AZUL | <i>ÀWÒ</i> <i>OJÚ ÒRUN OU ÀWÒ ARÓ OU ÀWÒ ÒFÉÉÉ</i> | COR DO CÉU OU COR DO PIGMENTO | BLUE | <i>ÀWÒ</i> <i>BÚLÚÚ</i> |
| AMARELO | <i>ÀWÒ</i> <i>ÌYÈYÈ ou ÀWÒ PUPA RÚSÚRÚSÚ</i> | COR DA ORISÁ OSÚN, COR DO FRUTO DA CAJAZEIRA OU COR RELATIVA A UM VERMELHO MENOS INTENSO | YELLOW | <i>ÀWÒ</i> <i>YÉLÒ</i> |
| VERDE | <i>ÀWÒ</i> <i>EWÉKO ou ÀWÒ EWÉ</i> | COR DA VEGETAÇÃO OU COR DAS FOLHAS | GREEN | |
| LARANJA | <i>ÀWÒ</i> <i>OMI OSÀN</i> | COR DO LÍQUIDO DA LARANJA (FRUTA) | ORANGE | |
| ROXO | <i>ÀWÒ</i> <i>ELÉSÈ ÀLÚKÒ</i> | COR DA PENA DO PÁSSARO | PURPLE | <i>ÀWÒN</i> <i>PÓPÙ</i> |
| CINZA | <i>ÀWÒ</i> <i>EÉRÚ OU ÀWÒ ELÉÉRÚ</i> | COR DAS CINZAS FRUTO DA QUEIMA | GRAY | |
| MARROM | <i>ÀWÒ</i> <i>IGÍ ou ÀWÒ ARA OU ÀWÒ PÁKÓ</i> | COR DA ÁRVORE/TRONCO DA ÁRVORE OU COR DA PELE/CORPO | BROWN | <i>ÀWÒ</i> <i>BÚRÁUN</i> |
| OURA | <i>ÀWÒ</i> <i>WÚRÁ</i> | TUDO QUE É DOURADO. POSSIVELMENTE BASEADO NO METAL | GOLD | |
| PRATA | <i>ÀWÒ</i> <i>FÀDÁKÀ</i> | TUDO QUE É PRATEADO. POSSIVELMENTE BASEADO NO METAL | SILVER | |
| ROSA | <i>ÀWÒ</i> <i>PUPA FÉÉRÉFÉ</i> | COR RELATIVA A UM VERMELHO MAIS VIBRANTE | PINK | <i>ÀWÒ</i> <i>PÍNINKI</i> |

Fonte: Elaboração do autor, 2021.

Para exemplificar a influência colonizadora sobre a nomenclatura das cores, utilizaremos como exemplo a cor marrom que no Inglês é designada pelo termo) *brown* e ao ser adaptada ao Iorubá se torna *Àwò búráun* (a palavra em inglês como pronunciada adaptada ao sistema fonológico do Iorubá). Essa adaptação do Iorubá provavelmente se deve à necessidade de incorporação da nomenclatura de uma nova cor ao idioma nativo.

Não queremos dizer com isso que as cores que têm nomes influenciados pelo inglês não existiam ou que os iorubás tivessem algum problema visual que os impedisse de vê-las, uma vez que

a deficiência vocabular não corresponde necessariamente a uma deficiência na percepção de cores. A confusão vocabular é rica ao nos mostrar a organização arbitrária das cores por determinada sociedade [...] O estudo de W.E. Gladstone, de 1858, por exemplo, registrava que os gregos não tinham uma definição precisa para os nomes das cores, utilizando, por exemplo, termos semelhantes e ambíguos para azul, verde e cores escuras em geral (Guimarães, 2004, p.100-101).

Podemos apenas inferir que os iorubás não possuíam nomes para tais cores antes da colonização ou que o nome anglicizado possa ter feito mais sentido em certo momento ou contexto. É também relevante perceber que, sempre antes do nome da maioria das cores, encontramos a palavra *Àwò* que significa ou adjetiva o que são as cores ou o que é colorido. (o significado de *àwò* é ‘cor’? Trata-se de um substantivo? Seria o processo equivalente ao português em “cor de burro quando foge” (coloração pardacenta), cor de rosa e cor de laranja?)

Porém, mais interessante que isso é perceber onde e como a nomenclatura cromática em Iorubá tem relações com o meio natural. No quadro acima, podemos perceber que as três primeiras cores não possuem nomes relativos a elementos da natureza. Tanto o Branco, o preto como o vermelho¹² possuem nomenclaturas próprias. Estas cores podem ser consideradas como as cores primárias (mais importantes ou de uso mais frequente? As cores primárias [azul, vermelho e amarelo] são aquelas a partir de cuja mistura outras são formadas [azul + vermelho = roxo, azul + amarelo = verde, etc.]) na cultura e religiosidade Iorubá. Santos (1998) vai colocar que o:

(espaço) (Qual o significado de *àse*? É um substantivo?)

àse é contido nas substâncias essenciais de cada um dos seres, animados ou não, simples ou complexos, que compõem o mundo. Os elementos portadores de *àse* podem ser agrupados em três categorias:

1. “sangue” “vermelho”;
2. “sangue” “branco”;
3. “sangue” “preto” (Santos, 1998, p.41).

¹²Interessante deixar registrado que atualmente entende-se que a visão cromática dos recém-nascidos compreende apenas o branco e o preto. É apenas a partir do segundo mês de vida que conseguem perceber as demais cores, sendo que a primeira delas é o vermelho.



E será muitas vezes a partir delas que a nomenclatura das demais cores surgirão. É a partir da nomeação do vermelho que se dá nome ao rosa, ao amarelo e ao laranja, interpretando estas três cores como se fossem outras expressões da cor primária escarlate. Essa interpretação fruto da observação tem seu fundamento na física, uma vez que tanto rosa, amarelo e laranja são para o Padrão RGB ¹³formadas a partir de misturas ou iluminações distintas do vermelho. Já as cores ouro/dourada e o prata/prateada também têm nomes próprios, porém são referências aos nomes dos respectivos metais em Iorubá, mostrando essa ligação com algo natural.

Outras cores estão ainda mais intrinsecamente ligadas a algo vindo do natural. A palavra *Òrun* é o equivalente a “céu” em Iorubá o que justifica a associação com o azul. *Èwé* é uma palavra muito utilizada nos Candomblés Ketu para se referir às folhas ou ervas. Ao marrom são dadas as origens nos troncos das árvores (*Igí*) ou na cor da pele (*Ara* seria algo como moreno). Ao cinza se dá nome devido às cinzas (*eérú*) oriundas da queima. Laranja e roxo (têm) nomes oriundos de elementos bem específicos da natureza. *Àwò Omi Osàn* (cor laranja ou alaranjado) é relativo ao líquido/água (*Omi*) proveniente da fruta laranja (*Osàn*) em algo como “cor da água da laranja” enquanto *Àwò Elése Àlùkò* (cor roxa ou violeta) é relativa ao penacho da crista do pássaro¹⁴ “Turaco de Crista Violeta” (*Tauraco porphyreolophus*) que existe na África.

Deixamos por fim o já citado amarelo (cuja designação remete a mais um elemento) que possui uma forma de nomeação que o conecta mais a um elemento específico da religiosidade africana que é a *Orisá Osun* (escrita africana). Ao nomear o amarelo de *Àwò Ìyèyè* podemos ver uma relação de referência direta com a divindade. Dentro do Candomblé Ketu, várias das versões¹⁵ da Orixá Oxum (escrita brasileira) possuem o termo *Yeye/Ieiê* (*ìyèyè*) em sua composição como Oxum *Yeyeodo* ou Oxum *Yeyeponda*, que seriam títulos ou epítetos dados a Oxum. Por isso, não é por coincidência que a cor principal de Oxum seja o Amarelo. E mesmo a saudação verbal

¹³ O RGB se refere às iniciais em inglês das três cores-luz primárias: red (vermelho), green (verde) e blue (azul). Com estas três cores é possível formação de todas as demais cores que o olho humano pode enxergar conforme podemos verificar em Guimarães (2004, p 65).

¹⁴Essa relação das cores com as penas dos pássaros também existirá em relação à pena vermelha *Ekodidé* que aparece num dos mitos de Oxum que envolve Oxalá.

¹⁵ A estas versões o povo de Candomblé Ketu dá o nome de Qualidades.



comum a esta Orixá (Ora Ieiê Ô, Oxum), utilizada em vários contextos, possui este radical. Assim, para o iorubá, parece que o amarelo seria literalmente a “cor de Oxum”.

2. As atribuições de cores aos Orixás no Brasil e às suas “Qualidades”

No tópico anterior era nossa intenção foi refletir sobre a relação entre a língua e a visão de mundo, especificamente entre a designação das cores e a percepção destas em iorubá para compreender sua utilização no Candomblé Ketu no Brasil) Ao estabelecermos a relação nesta nação, nos focamos em buscar a importância da linguagem nesta religião e como a nomenclatura das cores nos proporciona perceber um vislumbre do entendimento de mundo destes povos.

Neste tópico, nossa intenção é estabelecer e delimitar o melhor possível as atribuições cromáticas dadas pelos fiéis a cada uma das divindades no Candomblé Ketu. Mas não podemos ignorar todas as possibilidades e diversidade cromática possível nos terreiros. Então, tentamos estabelecer uma lista de cores principais (uma paleta de cores) mais comuns de cada Orixá, definidas por autores que previamente estudaram a religião, mas afirmamos que isto não é fixo e pode ser muito variado por diversos fatores, entre eles os históricos, míticos, religiosos, mitológicos ou até mesmo individuais de um fiel, ou de seu terreiro. Assim verificamos que as possibilidades cromáticas são infindáveis, ainda que haja um fio condutor que nos permita a análise.

Como levantamos no tópico anterior, o amarelo parece ser nominalmente designado a um determinado Orixá (Oxum), porém, as demais cores não o são, tendo cada um dos Orixás do Candomblé Ketu uma lista de cores de sua predileção. E agora que definimos um pouco do entendimento sobre o arcabouço cultural Iorubá em relação às cores, entendemos ser um bom momento para estabelecermos uma relação mais direta das cores com os Orixás de forma específica. Afinal, grande parte de nossa discussão se baseia no fato de que as cores usadas pelos Orixás do Candomblé Ketu são uma das formas pelas quais eles (os Orixás) nos comunicam sobre suas características e seu culto.



Tentaremos estabelecer aqui quais as cores são as prediletas e predominantes em cada um dos 16 Orixás mais comuns¹⁶ do Candomblé Ketu: **Exú, Ogum, Oxóssi, Ossaim, Omolu, Xangô, Logun-Edé, Oxumarê, Iansã, Obá, Oxum, Ewá, Ibeji, Nanã, Iemanjá e Oxalá**. E nos basearemos nas cores relatadas por outros autores para tabelar nosso grupo de cores mais comumente associadas a cada Orixá. A partir de uma compilação das cores que estes autores obtiveram, faremos uma exposição de uma série de 2 a 4 cores mais comuns de preferência de cada Orixá (quando possível). Ao fazer isso, estaremos também discutindo questões importantes a respeito daquilo que se chamam de “arquetipos”¹⁷ dos Orixás, seus caminhos ou “Qualidades”.

O branco é a cor mais importante dentro do Candomblé Ketu e falaremos dele sob prismas diferentes em todo o trabalho. Ele está em tudo e pode ser usado por todos nos mais diversos rituais¹⁸. Assim, na definição das cores atribuídas a cada Orixá, ele tem uma característica distintiva. Nem todos os Orixás têm tal cor como de sua predileção principal. Mas um fato que não poderíamos ignorar é que todos os Orixás podem (e em algum momento irão) utilizá-lo. Portanto, decidimos criar uma classificação específica para o Branco de “Cor Universal” do Candomblé Ketu no sentido de ela valer para todos os momentos do culto, ou seja, cor Universal no contexto de usos do Candomblé.

Estabelecemos o número de quatro como limite máximo de cores atribuídas a um Orixá, para não estender demais a análise (sendo que determinados Orixás só têm duas de predileção enquanto outros possuem mais do que as quatro), e como também desejávamos incluir o Branco na lista de cada divindade, optamos pelo seguinte: quando o Branco aparece na lista como uma “Cor Universal” significa que aquele Orixá não possui o Branco como cor de preferência, mas que a utiliza sempre que lhe é pedido nos rituais. Em contrapartida, se o Branco não aparece como “Cor Universal” ele com

¹⁶São os mesmos 16 Orixás propostos por Amaral (2002, p. 30) com ordem da lista levemente alterados.

¹⁷ Arquetípico aqui é usado num sentido mais próximo (não igual) do platônico de modelo no qual outros similares se baseiam. Os 16 Orixás que utilizamos seriam neste sentido o arquetipo pelo qual surgem as demais qualidades. O termo foi usado pelos primeiros pesquisadores sobre Candomblé para falar sobre os atributos e características comuns a cada Orixá, e entre o povo de Candomblé popularizou este significado de característica de um modelo base que se manifestaria inclusive na personalidade dos filhos daquela divindade.

¹⁸Para o Candomblé, o Branco é sempre a cor da moda e quem usa Branco ao visitar um terreiro não comete gafes cromáticas.

certeza foi explicitamente citado como uma das cores prediletas da divindade e seu uso por ela é mais profundo do que mero complemento.

Então analisamos dez autores¹⁹ diferentes, sendo que seis possuíam uma perspectiva de análise acadêmica mais acentuada, enquanto outros quatro possuíam uma perspectiva a partir daquele que é fiel da religião mais proeminente. Chegamos assim ao quadro abaixo:

Quadro 2: Síntese das cores atribuídas a cada Orixá

| QUADRO SÍNTESE DE ATRIBUIÇÃO DAS CORES MAIS USADAS POR CADA ORIXÁ | | | | | |
|---|---------------|-------------|---------------|-------------------------|-----------------|
| ORI XÁ | COR PRINCIPAL | SEGUNDA COR | TERCEIRA COR | QUARTA COR | COR "UNIVERSAL" |
| Exú | Vermelho | Preto | | | Branco |
| Ogum | Azul-Escuro | Verde | Vermelho | | Branco |
| Oxóssi | Verde | Azul | Amarelo | | Branco |
| Ossaim | Verde | Branco | | | |
| Omolu | Preto | Branco | Marrom | Vermelho | |
| Xangô | Vermelho | Branco | Marrom | | |
| Logun-Edé | Azul | Amarelo | Verde | | Branco |
| Oxumarê | Amarelo | Verde | Preto | Arco-Íris ²⁰ | Branco |
| Iansã | Vermelho | Branco | Marrom | Rosa | |
| Obá | Vermelho | Marrom | Amarelo | Branco | |
| Oxum | Amarelo-Ouro | Azul | Branco | Rosa | |
| Ewá | Vermelho | Amarelo | Rosa | | Branco |
| Ibeji | Azul-Claro | Rosa Claro | Multicolorido | | Branco |
| Nanã | Roxo | Branco | Azul-Escuro | | |
| Iemanjá | Azul-Claro | Prata | Verde-Claro | Rosa | Branco |
| Oxalá | Branco | Azul-Claro | Prata | | |

Fonte: Elaboração do autor, 2021.

¹⁹Os autores selecionados foram Edison Carneiro (1948); Roger Bastide (1958); Pierre Verger (1981); Reginaldo Prandi (1991); Eduardo Fonseca Junior (1995); e Raul Lody (2003) em uma perspectiva mais acadêmica. E Gisele Omindarewá Cossard (2006); Pai Cido de Oxum Eyin (2014); Odè Kileuy e Vera de Oxaguiã (2014); e Ademir Barbosa Junior (2017) em uma literatura religiosa produzida por sacerdotes e/ou iniciados nas religiões afro-brasileiras. As obras estão nas Referências.

²⁰Arco-íris aqui se referem às sete cores que compõem o espectro eletromagnético quando usadas juntas. Um termo mais correto, porém menos didático, seria **iridescente**.



É importante deixar claro que não é nossa intenção definir e delimitar como uma lei qual Orixá usa qual cor. A lista que elaboramos não reflete uma verdade única e em outros terreiros que não foram os pesquisados pelos autores que coletamos (ver anexos) podem ser usadas outras paletas de cores distintas para os Orixás. Sabemos que não há uso certo ou errado de cores na tradição. Apenas existem usos diferentes. O que ocorre é que em casas mais antigas é possível verificar o uso das cores mais próximo daquele apresentado pelos autores pesquisados.

Entendemos que o uso muito diferente da tabela (uma Iemanjá que use vermelho, por exemplo) sejam exceções dentro dessa variedade cultural e cromática que podem surgir conforme a doutrina, aprendizados ou preferências das casas em que as praticam, ou seja, estão perfeitamente certas dentro do contexto de sua própria comunidade. Afinal, cada terreiro tem grande autonomia em suas práticas e rituais, ainda que comumente sigam a uma similaridade cultural e de práticas que de alguma forma as unificam em uma cultura religiosa única e singular denominada Candomblé.

E temos plena consciência da pluralidade ritual que o Candomblé Ketu possui. Cada terreiro e até mesmo cada fiel tem diferentes graus de autonomia para definir as cores que vão ser usadas por seus Orixás nos rituais. Apenas organizamos o que autores verificaram nos terreiros por eles pesquisados e chegamos a uma lista que favorecerá nossas análises e servirá como guia aos propósitos deste trabalho de identificar nas cores uma forma pela qual os Orixás nos comunicam algo sobre eles.

Ao elaborarmos o quadro, percebemos que a atribuição de cores a cada Orixá está intrinsecamente ligada à sua mitologia e às suas “qualidades de Orixá”. Para o dicionário Silveira Bueno (2007, p. 639) qualidade seria “algo característico de uma coisa; um modo de ser; disposição moral, predicado; nobreza; espécie, gravidade; aptidão” (Bueno, 2007, p. 639). Essa concepção de Qualidades vai se formar em conjunto à formação do panteão, pois o Candomblé se formou a partir de uma multiplicidade de culturas que deram origem aos vários panteões das várias nações. Porém, mesmo essa divisão em nações não foi capaz de organizar e aglutinar todas as divindades que eram cultuadas pelos mais diversos povos africanos trazidos escravizados para o Brasil.

Determinados Orixás “com características comportamentais e folclóricas muito parecidas passaram a ser aglutinados em um único Orixá, ou a uma mesma família de



Orixás” (RAMOS, 2011, p. 26-27) no que se pode chamar de um Orixá arquetípico que possuía vários outros caminhos, versões e variações que comumente são chamadas qualidades. Cada qualidade teria assim características distintivas próprias ainda que fizessem parte de um único Orixá Principal, pois:

as diferentes qualidades, em determinados momentos, constituem o segmento do Orixá principal, mas com uma pequena diferenciação, que individualiza estes Orixás como sendo uma qualidade [...] vamos tomar como exemplo a Orixá Oxum. Oxum, na África, é a dona dos rios. E existe um rio – o rio Oxum -, no continente africano, que banha várias cidades, várias tribos, várias aldeias e, obviamente, cada uma dessas tribos, dessas aldeias, tem um nome diferente. Quando o rio atravessa aquela região, passa a ter um nome específico. Então, na nova região onde o rio é novo, é quase um veio d’água, Oxum é nova, doce e tranquila. Na região onde o rio é profundo, escuro e caudaloso, estas são as características ali atribuídas a Oxum (Ramos, 2011, p. 27).

A ideia de qualidades de Orixá é uma formulação do Candomblé Brasileiro para atender à necessidade de incorporar diferentes divindades de várias “tribos”. Por exemplo, em relação a um determinado rio. Em cada “tribo” na África, o determinado rio recebia um nome e tinha uma divindade associada a ele. Cada nome envolvia uma série de características dadas à divindade que a tribo estabeleceu e na formação do panteão candomblecista, já no Brasil, viu-se a necessidade de condensar o culto das diversas divindades daquele rio em um único culto mais amplo que englobasse as demais versões, formando o panteão candomblecista.

E, seguindo o raciocínio de Ramos (2011), por cada uma das aldeias Oxum receberá um novo nome, ou melhor, um novo título ou epíteto que a definiria como sendo daquela região de certa “tribo” o que gera uma nova qualidade. Oxum Ipondá e Oxum Karê são duas qualidades de Oxum. Ambas são parte de um mesmo “arquetipo” central com uma série de características, mas possuem suas particularidades ritualísticas e mitológicas. O mesmo aconteceu para os deuses, caçadores, guerreiros, etc.

Mas o estabelecimento de uma nova qualidade não se dá somente devido a características geográficas, mas também históricas (formal ou interna da religião), mitológicas, alimentares, de idade ou de várias formas pelas quais duas divindades que compartilhem campos de atuação similares possam ser diferenciadas, inclusive de cores. Cossard (2014) aponta que:



Existem diversas variedades de Oxum:

- Abiá Omô Olorê: a primeira Oxum, que não incorpora mais. É velha e ranzinza.
- Abotô: Come cabra; também é velha e ranzinza...;
- Ipondá: veste branco e dourado; leva espada curta e larga;
- Caré: é muito mimosa; leva alfanje...
- Abalu: guerreira, leva alfanje e abebé;
- Ajagurá: guerreira, veste branco; leva alfanje e abebé... (Cossard, 2014, p. 52-53).

E ainda que seja parte de um culto mais amplo e elaborado, cada qualidade possui suas particularidades de culto que as tornam únicas. Por exemplo, existem qualidades de certos Orixás que não podem comer determinado alimento enquanto outras qualidades podem. Da mesma forma existem aquelas que usarão tais cores que outra não, como o caso entre Ipondá e Ajagurá no qual uma veste duas cores enquanto outra apenas uma.

Partindo dessa premissa, percebemos que a multiplicidade de predileção cromática de cada Orixá também envolve as qualidades do Orixá de que tratamos. Por exemplo, ao estabelecermos que Oxumarê “arquetípico” use as cores amarelo, preto e verde como principais, não estamos limitando as possibilidades de que este Orixá possa usar outras cores. Principalmente no caso de Oxumarê isso seria errado, uma vez que a ele são atribuídas todas as cores do arco-íris. Apenas estamos delimitando as 3 como cores principais e simbólicas que entendemos ser de uso mais comum. Então, mesmo as qualidades que não usam nenhuma das 3 cores podem ser incluídas como Orixá Oxumarê. Pois, ao usá-las, ambas versões (as que usam amarelo, verde e preto e a que não usam), podem ser qualidades de Oxumarê.

O comum no Candomblé é que, apesar de alguns Orixás possuírem mais de quatro cores de predileção, estes tendam a usar em seus objetos, roupas e colares, em geral, nas festas e cerimônias, cerca de uma, duas ou no máximo três ou quatro das cores que prefere, em combinações que muitas vezes comunicam a qualidade ali presente. Porém, essa comunicação da qualidade é quase impossível apenas pelas cores. As cores isoladas carecem de redundância que só é preenchida com outros símbolos dos Orixás, que se agregam a elas formando o que seriam para Nogueira (2016) novos textos, pois tanto para ele quanto para:

Lotman não há exclusividade do sistema linguístico na cultura, como poderia ser acusada a semiótica de origem linguística. Lotman entende a cultura como “a sobreposição e articulação de diferentes códigos em



tensão: o fonético, o semântico, o rítmico, o gestual, o imagético, entre outros. Esses diferentes tipos de códigos em tensão favorecem a criação de novos textos, textos da cultura em constante transformação (LOTMAN, 1996, 83-90) (sic)". Por isso nossa área de estudos Linguagens da Religião não se reduz ao estudo do código linguístico, incluindo diferentes processos semióticos em relação uns com os outros (Nogueira, 2016, p. 245).

O código cromático assim é só mais um texto (código) que nos ajuda equilibrar redundâncias, criando um novo texto mais completo do que ele próprio isolado. Então, o mais recorrente é que os Orixás sejam representados com uma cor mais predominante (em geral a principal da nossa lista) e com variadas proporções da segunda cor ou da terceira (ainda que possa haver qualidade com predomínio da segunda ou terceira cor). Será mais comum ver algum iniciado de Xangô em trajes totalmente vermelhos e a depender da qualidade ter mais ou menos elementos e detalhes em alguma das demais cores formando quase sempre combinações binárias. Combinações trinas são mais incomuns²¹ exceto quando envolvem o branco ou Oxumarê. A presença do oxê (machado) e de sua coroa específica atuariam como outros textos capazes de comunicar elementos aos fiéis para reconhecer qual qualidade está em terra.

Quantos mais textos se conhece em relação ao Candomblé Ketu, mais se consegue interpretar as informações cromáticas emitidas pelos Orixás. Para o Candomblé Ketu, o conhecimento destes textos só se dá com o tempo, prática e o cumprimento das obrigações. Assim, um fiel recém-iniciado tem muito mais condições de decodificar melhor os códigos cromáticos do que um não iniciado, porém sua análise fica mais reduzida em comparação com um irmão mais velho (Egbomi) como seu sacerdote.

A variedade de qualidades de cada Orixá permite uma ampla forma de combinações cromáticas. Enquanto algumas qualidades de Xangô virão toda de vermelho (cor principal e tende a ser mais comum), outras virão só com o Branco ou com este em proporção predominante em relação ao rubro. Em outras, o vermelho sequer precisa estar presente, podendo haver unicamente o marrom ou este combinado ao branco. Não é surpreendente que algum Orixá inverta as cores e use maior proporção

²¹O único Orixá que faz combinações maiores que as trinas é Oxumarê. Em muitas casas suas roupas são estampadas nas cores do arco-íris e em várias de suas combinações quase sempre haverá o elemento iridescente.



da segunda cor do que da primeira ou mesmo use combinação de cores que não envolva a principal, o que pode ser explicado por ser esta ou aquela qualidade. Em geral, o uso de uma cor ou as combinações de várias irão ocorrer entre as principais que delimitamos para cada Orixá.

Não é surpresa numa festa que algum iniciado de Oxóssi venha com a predominância de azul na roupa com elementos em proporção suficiente de verde para gerar uma combinação e que na roupa tenham detalhes brancos que componham o traje final.

De toda forma, a quantidade de qualidades de cada Orixá é muito mais limitada (alguns Orixás têm 16 qualidades enquanto outros às vezes nem tem) do que as possibilidades de combinações cromáticas possíveis. E em cada templo, cada sacerdote possui a autonomia de estabelecer suas próprias paletas de cores e combinações para cada Orixá. Portanto, não há limite cromático para se aplicar às qualidades. A depender do terreiro, uma mesma qualidade de Iansã (Oyá Topé, por exemplo) poderá ter proporções diferentes das duas (ou três) cores, em diferentes filhas de santo excorporadas²², seguindo a diretriz da casa.

Além das qualidades, a mitologia e as funções de cada Orixá também são formas pelas quais se atribuem as cores a cada Orixá. Algumas atribuições cromáticas são mais óbvias e se relacionam com o próprio domínio natural do Orixá. Ossaim, por exemplo, é um Orixá que tem poder sobre as ervas, plantas e vegetais. É então compreensível que sua cor principal seja o verde. Da mesma forma, a associação de Iemanjá ao azul-claro parte do ponto de que esta Orixá tem como campo de domínio o mar e as águas.

Uma atribuição de cores em específico é bem interessante, pois possui um componente histórico e geográfico. Em Oxóssi, como levanta Lody (2003), veremos que a este Orixá é mais comum ser atribuída o azul (em geral tons mais claros) nos terreiros da Bahia, enquanto nos terreiros cariocas é comum que o verde seja a dada a

²² Barcelos (2022, p. 15) define excorporação como "Contrário de incorporação. Na incorporação o médium recebe a entidade, na excorporação, o filho de santo externaliza o N'kise (inquice)". Inquice seriam a divindades do Candomblé Bantu que possuem similaridades aos Orixás de nação Iorubá. Por este entendimento, a divindade já nasce ou é colocada no processo iniciático (dependendo do entendimento de cada terreiro) no interior do fiel e o processo de manifestação do Orixá/Inquice se do interior para o exterior.



ele²³. Esse é um caso no qual a geografia acabou por influenciar a cromática do Orixá. Investigamos se o processo de sincretismo associou o Oxóssi baiano (que veste azul) a São Jorge e o Oxóssi carioca (que veste verde) à São Sebastião seria responsável pela alteração cromática, mas em nenhum elemento procurado de ambos os santos católicos podemos perceber uma relação que o confirme. Assim, pensamos que este pode ser um caso de um ruído na transmissão da informação cromática a respeito deste Orixá. No caminho entre a Bahia e o Rio de Janeiro, essa informação pode ter se alterado, uma vez que as características atribuídas ao Orixá não mudam substancialmente entre Rio e Bahia, mas tanto sua sincretização como sua paleta de cores sofreram alteração substancial. E essa influência se reflete em outro Orixá que nos introduz o fator mítico como outra forma de atribuir cor a determinado Orixá.

Em alguns mitos, Logun-Edé é “o filho de Yeyê Pondá e Ibualamo²⁴[...]. Fica tanto na terra como na água. Tem espírito de menino” (Cossard, 2014, p. 42). Yeyê Pondá é uma qualidade de Oxum, enquanto Ibualamo é uma qualidade de Oxóssi. Enquanto aquela usa amarelo, este usa o verde ou azul. E, por ser o filho de ambos, tendo seus domínios tanto na terra como na água, o jovem Logun-Edé (Orixá do qual não encontramos qualidades na bibliografia) usa combinações de amarelo/dourado com azul (possivelmente mais comum nos terreiros da Bahia) ou de amarelo/dourado com verde (possivelmente mais comum nos terreiros do Rio de Janeiro) de forma que está sempre ligado a seus pais. A escala cromática ou cor do Orixá neste caso irá variar de acordo com processo histórico ou geográfico que o seu pai mítico produziu.

Um dos mitos levantados por Reginaldo Prandi (2001, p.261), intitulado “Xangô ganha o colar vermelho e branco nos traz uma explicação de como Xangô obteve as contas Brancas de seu colar. Segundo o mito, Xangô perseguia quem lhe havia roubado o cavalo e encontrou-o com Obatalá, seu pai, e em um ato de impetuosidade (ligação com o vermelho) quis enfrentá-lo. Este exigiu respeito e submissão, dominando a Xangô que já trazia consigo seu colar de contas vermelhas.

²³Isso não proíbe que haja terreiros cariocas que usem azul em Oxóssi ou baianos que usem verde.

²⁴A filiação de Logun-Edé à Yeye Pondá e Ibualamo não é unanimidade mítica. Em outros mitos ele pode aparecer como filho de Ipondá com Odé (outras qualidades de Oxum e Oxóssi). O que se pode afirmar é que Logun-Edé (que não possui qualidades) sempre terá vínculo de parentesco com Oxum e Oxóssi em alguma qualidade.



Obatalá desfaz o colar e o remonta alternando entre contas vermelhas e brancas como uma forma de indicar que o portador do colar era seu filho.

Em outra versão do mito, Xangô promete a Oxum que, se ela com ele se casar, ele carregará o idoso pai de Oxum sempre no pescoço. Oxum aceita e então Xangô passa a carregar um colar de contas vermelhas e brancas alternadas no pescoço, cumprindo a promessa de carregar Oxalá (o Branco)²⁵. Nestas versões do mito de Xangô, vemos então que as atribuições das cores a cada Orixá têm um componente mítico, ou seja, a escala cromática do Orixá pode ser também moldada pela mitologia.

O uso das cores no Candomblé não vai se limitar apenas aos Orixás diretamente excorporados ou suas representações pictográficas. Partindo das predileções de cada Orixá, e da variável importância de cada um destes nos diferentes rituais da religião, é possível observar e tentar explicar os usos das cores dentro dos vários espaços e momentos do cotidiano dos terreiros.

Considerações Finais

Como vimos, as cores (àwon àwò) são um elemento visual intrínseco a todos os objetos e não pode ser ignorada ou desconsiderada de forma que seu uso raramente é sem propósito, ou seja, na maioria das vezes as cores são usadas com algum objetivo simbólico. As religiões vão se apropriar desta característica da cor e utilizá-la em conjunto ao seu arcabouço semiótico com o intuito de provocar sentido naquilo que colore.

No Candomblé, as cores têm uma significativa função e relevância para a criação e atribuição de sentido às coisas, especialmente pelo fato de que cada divindade (Orixá) possui as suas cores de predileção. A própria atribuição das cores à cada um dos Orixás, independentemente das lógicas cromáticas, já é uma forma de comunicação sobre algumas coisas, sobre suas mitologias, ritualísticas e sobre determinado processos que ocorrem no terreiro. A mera atribuição das cores aos Orixás acaba por transformá-las em símbolos destes.

²⁵Conheci essa versão do mito em um terreiro de Belo Horizonte e assim como é a forma apresentada pelo grupo de teatro de bonecos Giramundo em seu espetáculo “Orixás”, exibido em 2017 e 2018 nas campanhas de popularização do teatro que acontecem na cidade.



Neste trabalho nossa intenção foi de uma certa forma tentar organizar um pouco do uso das cores nesta religião. Para tal, primeiramente percebemos que seria necessário recorrer aos elementos africanos da religião para que pudéssemos encontrar elementos que nos garantissem a importância da cromática para o Candomblé.

Neste sentido observamos que para os Iorubás, povos cujos cultos são a base do Candomblé Ketu, a nomeação das cores tem uma relação direta para com os elementos da natureza. E a nomeação das cores (assim como todo um idioma ou mesmo a linguagem de um povo) é uma das formas pelas quais podemos introduzir-nos no entendimento de como se dá a visão do mundo para tal povo e sua religiosidade.

Para exemplificar, temos que a cor que chamamos de azul é nomeada pelos Iorubás de Awo Ojú Orun que em uma tradução pode ser interpretado como a "cor do céu" ou ainda o verde ser nomeado como awo Ewéko ou "cor das folhas". De certa forma isto nos mostra como a sociedade Iorubá pensa e vive as suas relações com a natureza de uma forma mais íntima do que as sociedades ocidentais. Por isto não nos surpreende que uma cor seja nomeada devido às características de uma das divindades do panteão, como no caso da Orisá Osún e sua indissociável relação com o amarelo (Awo iyèyè).

Não por coincidência, o Candomblé é tanto uma religião cuja relação harmônica para com o meio ambiente é sempre celebrada quanto tem uma forte relação com a cromática. Então, delimitada a nomeação das cores em Iorubá, onde percebemos uma influência do meio natural e da religiosidade, tornou-se um caminho natural, a busca por estabelecer as cores que mais comumente são atribuídas a cada um dos Orixás do panteão candomblecista.

Para tal, selecionamos, com base dentro da bibliografia especializada, tanto os Orixás que seriam analisados quanto as cores que cada autor encontrou e organizamos aquelas que mais comumente apareciam vinculadas a cada Orixás. No processo em questão, percebemos que atribuição de cores aos Orixás vai muito além das divindades arquetípicas e envolve questões culturais, geográficas, históricas e até mesmo grupais de cada templo e às vezes preferências individuais da divindade pessoal, de forma que não é possível cravar e fixar as cores prediletas de cada divindade, mas apenas dar um panorama, uma "média" daquilo que é tendência e mais comum de ser visto na realidade do terreiro.



Por isso, não é interesse desta pesquisa criar padrões fixistas e obrigatórios, algo como um manual para os terreiros de como atribuir cores, mas demonstrar que a atribuição cromática candomblecista não é aleatória e possui definições e limites que podem, sim, ser ultrapassados e negociados ainda que atuem como base para a religião.

E, uma vez que são associadas a cada um dos Orixás, as cores irão aparecer nos terreiros nos seus usos mais comuns e práticos em potencialmente todos os elementos, estando em constante relação com outros elementos simbólicos da religião e, em conjunto, todos estes constroem um arcabouço semiótico candomblecista.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Rita. **Xirê!** O modo de crer e de viver no Candomblé. Rio de Janeiro. Pallas Editora, 2002.

AULA de Yorùbá. **Cores na língua iorubá - Àwọ̀n Àwọ̀ ni Èdè yorùbá.** [s.l.]: Canal Iorubaianidades. 22 out. 2020. 1 vídeo (13 min). Publicado por Canal Iorubaianidades. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VvuEAhz8V60> Acesso em 21 mar 2021.

BARBOSA JUNIOR, Ademir. **O livro de ouro dos Orixás.** São Paulo: Anúbis, 2017.

BARCELOS, Z. do C. G. de. (2022). **Uma análise da tríade bantu:** umbanda, reinado e candomblé de Angola no Centro Espírita São Sebastião – CESS. Último Andar, v. 25 n.40, p. 1-20, 28 set. 2022. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/57518/40852>> Acesso em: 20 abr. 2024.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia (Rito nagô).** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa/Silveira Bueno.** 2. ed. São Paulo: Editora FTD, 2007.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia.** 9. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

COSSARD, Gisèle Omindarewá. **Awô:** o mistério dos Orixás. 2. ed. 2. reim. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2006.

EYIN, Pai Cido de Oxum. **Okutá:** a pedra sagrada que encanta Orixá. São Paulo: Alfabeto, 2014.

FONSECA JUNIOR, Eduardo. **Dicionário Antológico da cultura afro-brasileira:** incluindo as ervas dos Orixás, doenças, usos e fitologia das ervas. São Paulo: Maltese, 1995.



GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. 3. Ed. São Paulo: Annablume Editora, 2004.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: Como as cores afetam a emoção e a razão. 10. Reim. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2018.

JESUS, Raphael F. da S. de. **ÀWON ÀWÒ NÍ ÒRÌSÀ**: As cores como código na linguagem do Candomblé Ketu. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://bib.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_RaphaelFelipeDaSilvaDeJesus_19404_Textocompleto.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de; Barros, Marcelo (Org.). **O candomblé bem explicado** (Nações Bantu, Iorubá e Fon). 1. Ed. 2. Reim. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2014.

LODY, Raul. **Dicionário de arte sacra e técnicas afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2003.

NAPOLEÃO, Eduardo. **VOCABULÁRIO YORUBÁ** para entender a linguagem dos Orixás. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011.

NOGUEIRA, Paulo. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. **Horizontes**, Belo Horizonte, v. 14, n. 42,0 p.240-261, 21 jun. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2016v14n42p240>> Acesso em: 21 mar. 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. 1. ed. 21. Reim. São Paulo: Companhia das Letras;/ São Paulo: Editora Schwarcz, 2001.

RAMOS, Eurico. **Revedo o Candomblé**: respostas às mais frequentes perguntas sobre a religião. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

RIBEIRO, Lincoln Almir Amarante; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. O universalismo semântico cognitivo em um estudo sobre termos básicos referentes a cores na língua indígena Shanenawa (Pano). **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro v.13 (1), p. 152-162, 31 mar. 2008.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgô e a morte**: pàdé, àsèsè e o culto Égun na Bahia. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de todos os santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos na África**. 1999/ Pierre Verger; tradução Carlos Eugenio Marcondes de Moura. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1999.

VERGER, Pierre. **Orixás**: Deuses Iorubás na África e no novo mundo. Bahia: Fundação Pierre Verger, 2018.